

MÉTODO ETNOGRÁFICO E ANÁLISE ORGANIZACIONAL

Diego César Terra de ANDRADE¹;

RESUMO

Neste trabalho busca-se contribuir para a compreensão do papel exercido pela dimensão simbólica na construção da realidade organizacional. Para tanto, são realizadas algumas reflexões teóricas a partir de uma breve revisão de literatura sobre a antropologia simbólico-interpretativa tomando como referência os trabalhos de Clifford Geertz, principal representante dessa corrente da disciplina antropológica, bem como as ideias de alguns de seus interlocutores. O propósito final do artigo é, portanto, fazer avançar o debate sobre cultura organizacional, apresentando as contribuições dessa perspectiva antropológica como uma possibilidade de superação dos limites deixados pela corrente funcionalista até então dominante nesse subcampo de estudos.

INTRODUÇÃO

Segundo Bat (2000) e Jaime Júnior (2002) a discussão acerca das dimensões simbólicas no universo organizacional possui remotas raízes históricas. Contudo, se seu itinerário teórico foi traçado a partir do Experimento de Hawthorne, empreendido por Elton Mayo e seus colaboradores, entre os anos 1920 e 1930 do século passado, eles se confundem com o início das teorias clássicas administrativas. Para Aktouf (1990) *apud* Jaime Júnior (2002), nesse estudo já estava presente um “protoconceito” de cultura organizacional, entendida como sistemas ideológicos simbólicos. Todavia, somente ao final da década 1970 que a corrente da cultura organizacional tem desenvolvimento, sem precedentes no campo da teoria das organizações, passando a constituir uma área disciplinar específica, com seus especialistas, suas escolas, suas tendências e seus “clássicos”.

Nestes clássicos constata-se a existência de pelo menos duas abordagens distintas nesse campo do saber. Uma, de clara inspiração funcionalista e detentora

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Pouso Alegre. Pouso Alegre/MG, email: diego.terra@ifsuldeminas.edu.br

de uma perspectiva gerencialista, podendo ser denominada *mainstream*. A essa abordagem, Aktouf (1990) e Pépin (1998), contrapõem uma perspectiva crítica ou sócia antropológica. Sendo que, os membros da segunda vertente não aceitam o pressuposto de que a cultura organizacional possa ser gerenciada. Para eles, tal pressuposto é vítima de um reducionismo utilitarista, configurando uma operação ideológica que tenta aprisionar o simbólico nos ditames da racionalidade instrumental.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica. Os dados foram coletados através do levantamento das produções científicas sobre a antropologia simbólico-interpretativa tomando como referência os trabalhos de alguns interlocutores de Clifford Geertz, a quem Jaime Júnior (2002) atribui o status de principal representante dessa corrente da disciplina antropológica.

Como o foco de análise é discutir e problematizar a noção da cultura organizacional sob a ótica da antropologia simbólico-interpretativa optou-se também por não realizar análise quantitativa de temáticas ou citações, mas sim análise de conteúdo (Bardin, 1977), a fim de apreender os principais argumentos utilizados pelos autores daqueles textos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

González (2000) utiliza de Capra e Steindl-Rast (1992) e suas teses em torno do paradigma dos processos das ciências naturais para afirmar que o tradicional paradigma científico não permitir que qualquer trabalho realizado a partir de outras perspectivas paradigmáticas possa ser chamado de 'ciência'. No entanto, afirmam, ainda que, isso não significa que não seja possível se fazer ciência a partir de outras perspectivas. E, que a observação sistemática e o desenvolvimento de teorias são os componentes necessários para o desenvolvimento de uma ciência.

Para González (2000), o oral, tradições da criação centrada não materialista e culturas orgânicas do mundo estão repletas de afirmações, de aprendizagem por observação, etc. E, por exemplo, os ciclos da natureza tornam-se fonte de experiência e de uma ontologia circular cultural. Para esta autora, o conhecimento das pessoas não é regido exclusivamente por regras positivistas e que “os saberes” adquiridos de forma implícita e tácita muitas vezes são ignorados. Afirma ainda que,

os modelos para a sua prática etnográfica remonta a cada dia vendo a comunidade ir e vir em um bairro mexicano onde morava quando criança, além dos ensinamentos adquiridos com seus avós. Sendo que, a partir desta contextualização, que González (2000), apresenta seu pensamento, analogamente às “quatro estações” (Four Seasons).

Sua etnografia "Four Seasons", na qual ambas as estações se fundem e repetem em um ciclo interminável, reconhecem que a interpretação ocorre juntamente com a observação, entrevistas e outras atividades de coleta de dados. E ainda, que a interpretação também deve ser tão progressista quanto retrógrada. Desta forma a metodologia possui dois objetivos: em primeiro lugar permitir a coleta de dados suficientes para produzir uma etnografia completa e rigorosa. E, em segundo lugar, para tentar minimizar a imposição categorias externa orientada para a coleta de dados e modelagem. Consciente de que esta etnografia de sinergismo natural, González (2000) propusera o abandono do mito de uma metodologia linear, abrangendo assim a natureza cíclica, orgânica, dinâmica e holística.

Esta metodologia não significa, contudo assumir a introdução de novos métodos por si só, mas sim demonstrar e aplicar uma variedade de métodos etnográficos já familiares, juntamente com outros métodos consagrados de tradições introspectiva e analítica, sob uma ontologia holística de ordem circular. O resultado é um processo de pesquisa e os resultados que são intencionais e, necessariamente, tanto pessoal como academicamente dinâmico. Como o progresso circular de uma espiral, a pesquisadora e as teorias desenvolvem cumulativamente e ritmicamente, sem pretensões de conhecimento absoluto, pelo contrário, os resultados são relatados com certeza provisória (GONZÁLEZ, 2000). Um termo paradoxal que é característico de um respeito pelo poder da natureza para determinar as circunstâncias ou "fatos" da nossa experiência humana. Em última instância, será a interpretação do escritor racional que se assume como a voz do "outro". Contudo, o objetivo é produzir dados e análises da interação entre o local e a pesquisa externa e entre a profundidade e métodos participativos (Gonzalez, 2000).

Gonzalez (2000) argumenta, ainda que, todas as pesquisas de orientações positivistas assumem os pressupostos de que a cultura é a realidade na qual a própria pesquisa é conduzida. Para a tradicional ciência social, estes são: o oportunismo, a independência do pesquisador do direito, e a primazia da racionalidade. Os etnógrafos pós-coloniais são obrigados pela ética de forma

continua trabalhar para romper esses pressupostos e inadvertidamente não reproduzir a voz colonialista, através do processo de investigação ou o produto da investigação.

Sendo que, Bate (1997) faz algumas afirmações a cerca da etnografia. São elas:

- Etnografia como método: é fazer trabalho de campo, uma atividade que envolve o pesquisador no campo, "ficar com as mãos sujas", incluindo a integração em profundidade;
- Etnografia como uma forma de escrita: etnografia é ciência e arte em um só, e como artistas, busca-se captar as experiências em imagens e representações que simbolizam a realidade. Sendo que, a este respeito, a expressão é mais importante do que precisão.

Contudo, como método, a etnografia é útil para forçar um investigador para definir um espaço, mas como um termo "etnografia" é generosamente aplicado a qualquer estudo qualitativo. Etnografia é a favor, mais uma vez, como um método para o estudo do comportamento organizacional e a difusão social das novas tecnologias de mídia, mas ainda é um método rigoroso e exigente em que o etnógrafo necessita de uma reflexão cuidadosa para a seleção de locais do campo.

Comparar casos, selecionar alguns e não outros, assim como os estatísticos selecionar algumas amostras de dados e amostras e descartam outros, os etnógrafos deve identificar o que está fora da sua linha de interesse. A etnografia é mais centrada em atores específicos, que uma reputação para a reenderização de uma rica descrição - narrativas com história profundidade e perspectiva contextual que trace com os grupos e processos sociais. Para alguns estudiosos, uma das "coisas boas" da etnografia é a forma como o leitor pode compreende o contexto social, revela o mundo e o cotidiano, e proporciona tanto um ponto e um arremate (Bate, 1997).

CONCLUSÕES

Um dos pontos fortes da etnografia é que ela é capaz de colocar as pessoas de volta em contextos sociais, de volta para o contexto na qual a ação teve lugar, reconhecendo que o pensamento e comportamento não podem ser entendidos fora do contexto em que se situam. Isto é, conhecimento do contexto que os torna inteligível. Como expõe Jaime Junior (2002) "o ser humano é um animal simbólico.

Ele organiza suas experiências e ações por meios simbólicos, isto é, por intermédio de valores e significados que não podem ser determinados por propriedades biológicas ou físicas”. Conclusivamente a etnografia é um método que pode ajudar a compreender e analisar (se é que esta expressão pode aqui ser utilizada) a cultura organizacional, entretanto trabalhos acadêmicos deste cunho, além de todo rigor científico exigido pelo método, requer uma grande capacidade de escrita do autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKTOUF, Omar. Le symbolisme et la culture d'entreprise. Des abus conceptuels aux leçons du terrain. **L'individu dans l'organisation, les dimensions oubliées, Québec-Paris, PUL-ESKA**, p. 553-588, 1990.

BATE, S. Paul. Whatever happened to organizational anthropology? A review of the field of organizational ethnography and anthropological studies. **Human relations**, v. 50, n. 9, p. 1147-1175, 1997.

GONZÁLEZ, María Cristina. The four seasons of ethnography: A creation-centered ontology for ethnography. **International Journal of Intercultural Relations**, v. 24, n. 5, p. 623-650, 2000.

JAIME JÚNIOR, Pedro. Um texto, múltiplas interpretações: antropologia hermenêutica e cultura organizacional. **Revista de Administração de Empresas**, v. 42, n. 4, p. 1-12, 2002.

PÉPIN, Normand. Cultura de empresa: nascimento, alcance e limites de um conceito. **Mosaico: Revista de Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, 1998.